

Um sopro de vida, uma escrita feminina¹

Yáskara Sotero Natividade Veado

Resumo

A autora propõe pensar que a obra literária de Clarice Lispector se aproxima daquilo que Lacan define como gozo feminino. Propõe também verificar o conceito de sublimação que nessa obra se apresenta, pois nela o vazio se impõe à escritora colocando-a a escrever e circunscrevê-lo.

Palavras-chave

Gozo feminino, Sublimação, Escrito.

Após ter assistido a um vídeo em que Clarice Lispector foi entrevistada, fiquei tão incomodada que necessitei me colocar a escrever e motivada a ler seu livro *Um sopro de vida (Pulsões)*, iniciado em 1974 e concluído em 1977, pouco antes de sua morte.

Essas aproximações com a escritora tanto pela entrevista quanto por seu livro me fizeram do texto *Projeto para uma psicologia científica* em que Freud diz que a dor é o mais imperativo de todos os processos: coloca o aparelho psíquico em movimento e se impõe a qualquer obstáculo à sua condução. Dessa forma, ela ensina um modo particular de descarga e, no caso dos escritores, a possibilidade da escrita, que pode se transformar numa imposição, pois, como dizem alguns escritores, existe uma necessidade de escrever, como se pela escrita algo pudesse ser descarregado.

Já na primeira página do livro, Clarice escreve:

Escrevo como se fosse para salvar a vida de alguém. Provavelmente a minha própria vida. Viver é uma espécie de loucura que a morte faz. Vivam os mortos porque nele vivemos (LISPECTOR, 1999a, p. 13).

Ter a possibilidade de escrever para se salvar, acredito, um destino pulsional, a sublimação. Pela escrita de Clarice, podemos pensar que a sublimação não é necessariamente um destino feliz.

[...] “O nada” [...] era o próprio assustador contato com a tessitura do viver (LISPECTOR, 1999b, p. 212).

Proponho pensar que a obra de Clarice confirma o que Lacan diz no *Seminário VII*, nos capítulos em que trata da sublimação: a arte se organiza em torno do vazio, e a criação é a borda. Por essa obra, o vazio se impõe à escritora, colocando-a a escrever e a circunscrevê-lo:

1. Trabalho apresentado na XXVII Jornada do IEPsi – *A direção do tratamento e a escrita do analista*, em nov. 2006.

Minha vida me quer escritor e então escrevo. Não é por escolha: é íntima voz de comando (LISPECTOR, 1999a, p. 29).

Não escrever seria impossível, porém sua escrita aponta para a impossibilidade: nem a “literatura” nem a “mulher” podem dizer tudo. E, assim, Clarice se coloca nesse livro a soprar palavras, escrevê-las de forma repetitiva, página após página na tentativa, “talvez,” de atingir o vazio. Há uma pulsação que se impõe à mão da escritora.

Até hoje não sabia que se pode não escrever... (LISPECTOR, 1999a, p. 13).

Gostaria de trabalhar neste texto duas questões que verifico na escrita de Clarice:

1. A autora, por meio de sua obra, chega a sublimar?

2. É uma escrita que se aproxima do gozo feminino?

O gozo feminino seria um gozo suplementar, que não se reduz à ordem fálica, pois é não-todo. Esse não-todo é o ponto insuportável do qual a mulher não quer saber e nem sabe dizer. Podemos pensar o feminino a partir desse ponto e localizá-lo na obra de Clarice.

Segundo o dicionário Aurélio, sublimar significa: “tornar sublime; erguer a maior altura, ou a uma grande altura. exaltar, exaltar, engrandecer; elevar a maior perfeição, purificar” (HOLANDA, 1985).

Cristina Marcos propõe que, a partir da obra de Clarice, podemos “abandonar a noção de sublimação com um destino feliz da pulsão”.² Pensar dessa forma me parece muito pertinente, pois, se considerarmos as obras de arte contemporâneas, veremos que a beleza não é o que mais importa. Parece que o artista produz muito mais para se livrar de uma imposição interna que

exige dele certa descarga libidinal. Assim, as obras de arte, como determinadas obras literárias, não têm a função de apaziguar, consolar, e sim de desacomodar, incomodar podendo provocar mal-estar no artista assim como no espectador ou leitor.

Tenho medo de escrever. É tão perigoso. Quem tentou, sabe. Perigo de mexer no que está oculto — e o mundo não está à tona, está oculto em suas raízes submersas em profundidades do mar (LISPECTOR, 1999a, p. 13).

Percebo que a obra de Clarice foi se construindo a partir de interrogações fundamentais, tão vastas e profundas que poderiam levá-la a uma desagregação no meio de tantas interrogações. Contrariamente a se desagregar, ela vai construindo um texto, tecendo uma borda em relação ao vazio e nesse movimento vai delineando um percurso para a construção de um nome, um outro nome: o nome do escritor. Esse é um trabalho textual que surge das entranhas e nasce como a linguagem escrita de um vazio. Não seria isso a sublimação?

Freud definiu a atividade de sublimar quando a pulsão se dirige a um novo alvo não sexual, visando outros objetos socialmente valorizados, como as atividades artísticas e intelectuais. Há três formas de sublimar: a arte, a religião e a ciência. O conceito de sublimação permaneceu pouco elaborado na teoria freudiana, pois o que uma cultura considera um trabalho de pensamento ou um trabalho artístico pode não ser valorizado em outra. Como esse termo evoca a palavra “sublime”, fica difícil delimitar o que seria sublime para cada cultura. Freud explica que as pulsões sexuais sofrem uma transformação, isto é, investe a mesma intensidade de força agora em um trabalho cultural, deslocando o alvo sexual originário.

No texto *O ego e o id* Freud descreve a energia do ego como “dessexualizada” e

2. MARCOS. *Resíduos do nada: a arte contemporânea e a subjetivação feminina*. Texto apresentado na VII Jornada de Cartéis da EPB, 2005.

“sublimada”. A libido pode ser dessexualizada; ela pode agora servir a intenção de Eros, que é unir e ligar (FREUD, [1923] 1996, p. 58).

No *Seminário XII*, capítulo X, intitulado *Pequenos comentários à margem*, Lacan tentará ordenar a função da sublimação em referência à coisa.

Essa coisa, da qual todas as formas criadas pelo homem são do registro da sublimação. Será sempre representada por um vazio, precisamente pelo fato de ela não poder ser representada por outra coisa... (LACAN, 1991, p. 162).

Clarice, com sua escrita, destaca pontos, como angústia, aflição, mortificação. Blanchot diria que é uma escrita na qual o escritor está a morrer em seu próprio texto. O vazio se impõe à escritora, impedindo que Clarice se cale. Colocar-se a escrever é para o escritor tentar contornar o que não pode ser escrito, o impossível — o vazio. Ao invés de ocultá-lo, ela o revela-o. Nessa tessitura, a autora vai colocando palavras numa tentativa de comunicar, de se livrar desses sentimentos, pois o objetivo da linguagem é a comunicação que, uma vez escrita, vira letra morta, extingue-se. O poeta Paul Valéry caracteriza de forma exemplar a transitoriedade da palavra.

[...] cada palavra, cada uma das palavras que nos permite o espaço de um pensamento e de seguir o impulso da ideia que constrói ela mesma sua expressão, parece-me uma destas pranchas leves que jogamos sobre um fosso ou sobre uma fenda de uma montanha e que suportam a passagem do homem movimentando-se vivamente. Mas que ele passe sem pesar, que ele passe sem parar — e sobretudo, que não se distraia dançando sobre a prancha fina para testar a sua resistência [...] (VALÉRY apud SILVA, 1999, p. 10).

Sublimar não seria fazer o movimento de tentar contornar essa fenda com a escrita de um livro, soprar palavras na tentativa de fazer algo viver ou, talvez, deixar algo morrer?

O escritor aceita esse movimento da escrita, que é se deixar morrer pela sua produção literária. Clarice declara em uma entrevista que, após a escrita de um livro, ela se sente “meio morta”. Sua escrita aponta para um esvaziamento, como se a cada página de *Um sopro de vida*, onde ela vai repetindo, insistindo no mesmo tema, ela fosse buscando pela palavra aprender o impossível, tarefa infinita, visto que sempre há algo velado que não pode ser atingido.

Que ponto é esse que não pode ser atingido? É o núcleo do real, lugar onde somos sempre chamados e que sempre nos escapa. Freud nomeia de processo primário esse núcleo e diz que é uma outra localidade, um outro lugar que fica fora. Não seria a partir desse lugar que Clarice constrói sua obra?

A escrita dessa autora se faz numa tentativa de cada vez mais se aproximar desse nada, disso que podemos denominar outra localidade, além ou aquém da linguagem. Ela tenta uma depuração da palavra até que esta chegue a um “sopro”, mas não necessariamente um sopro que conforta, que acomoda. Sua escrita vai muito mais no sentido não representável, do desconforto, do incômodo, nos levando a algo que escapa ao sentido da compreensão e do significado.

Escrever pode tornar a pessoa louca... Tenho medo de minha liberdade... Li o que havia escrito e de novo pensei de que abismos violentos se alimenta a minha mais íntima intimidade... (LISPECTOR, 1999a, p. 55).

O que impulsiona o escritor à escrita, o que o faz correr tantos riscos no ato de escrever? Há algo a mais nesse exercício

que nos faz pensar no gozo da linguagem. É o real que está por trás, comandando o sujeito a falar, a escrever, numa tentativa de atingir a impossibilidade da escrita.

A escrita feminina de Clarice vai em direção a essa impossibilidade, a um sopro, um fio de vida aproximando-se do quase nada. Esse tipo de escrita nos aponta para um modo particular de subjetivação, no qual o que está à mostra é uma construção a partir de uma ausência, O escritor, como nos diz Blanchot, deve se transformar em um vazio, despojando-se de si mesmo.

Faço aqui um paralelo com o que diz Lacan sobre a mulher. Ela é não-toda. E, assim, ele designa que o 'não' é algo inassimilável, estranho, de fora $S(A)$, e o 'todo' se refere à primazia do falo, lugar que lhe dá sustentação. Há algo em comum na obra de Clarice e no feminino — o exílio, o que se mantém à margem.

Clarice nos conduz, como diz Blanchot (1987, p. 243), “aquém vazio, em que o fim tem peso de recomeço”. O recomeço nos indica que há algo que não se suporta nem no começo, nem no fim, está sempre a retornar.

É nesse sentido que existe, nas vizinhanças da arte, um pacto firmado com a morte, com a repetição e com o fracasso (BLANCHOT, 1987, p. 243).

A repetição é o gozo desmedido, gozo outro, é o eterno retorno, buscando a satisfação da pulsão. Essa tendência à repetição é reconhecida por Freud como um chamado da morte. Porém, Clarice dá o título ao seu livro de *Um sopro de vida (pulsões)*, indicando que, diante da repetida convocação a escrever, ela pode contornar esse vazio, espaço de morte e vida, mostrando que sua obra é um recomeço, uma possibilidade de criar algum entrelaçamento.

Freud trata a mulher como um enigma, algo a ser decifrado mas não-todo, e transfere aos poetas a tarefa de compreen-

der o feminino. Eu também recorro à obra de Clarice para fazer essa investigação. Essa é uma tarefa difícil já que a questão da mulher está articulada com o impossível (não) e o contingente (todo). É porque ela não pode se inscrever toda no campo da palavra que Lacan diz que não há significante da mulher, daí a frase: “a mulher não existe” como também a literatura. A obra de Clarice nos dá acesso ao que não se poderia ver de outro modo, nos remete ao inapreensível, a coisas não facilmente assimiladas.

Ser feliz é uma responsabilidade muito grande. Pouca gente tem coragem (LISPECTOR, 1999a, p. 148).

A autora vai conduzindo sua obra ao vazio, como se fosse se despojando de si mesma, se tornando quase nada, quase um sopro. Essa forma de escrita nos mostra uma particular subjetivação que chamaríamos de feminino. Como diz Freud na *Conferência XXXIII: Feminilidade*, as mulheres inventaram a arte de bordar, o que as aproxima da posição de quem cria. A criação seria a borda em torno do vazio.

O que me salvou da monotonia de Berna foi viver na Idade Média, foi esperar que a neve parasse e os gerânios vermelhos de novo se refletissem na água, foi ter um filho que lá nasceu, foi ter escrito um dos meus livros menos gostados. A cidade sitiada, no entanto, relendo-o, pessoas passam a gostar dele, minha gratidão a este livro é enorme: O esforço de escrevê-lo ocupava-me, salvava-me daquele silêncio aterrador das ruas de Berna, e quando terminei o último capítulo, fui para o hospital dar à luz o menino (LISPECTOR, 1999a). ◻

A BREATH OF LIFE, A FEMALE WRITING

Abstract

The author proposes to think that the literary work of Clarice Lispector approaches to what Lacan defines as feminine enjoyment. It's also proposed to discuss the concept of sublimation present in this work for, in this work, the emptiness is imposed upon the writer pushing her to write and to circumscribe it.

Keywords

Feminine enjoyment, Sublimation, Written.

Referências

BLANCHOT, M. *O livro por vir*. Lisboa: Relógio D'Água, 1984.

BLANCHOT, M. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

FREUD, S. Conferência XXXIII: Feminilidade (1933 [1932]). In: _____. *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos (1932-1936)*. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 113-134. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 22).

FREUD, S. O ego e o id (1923). In: _____. *O ego e o id e outros trabalhos (1923-1925)*. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 27-71. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica (1950 [1895]). In: _____. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos (1886-1889)*. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 355-450. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1).

FREUD, S. Sexualidade feminina (1931). In: _____. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931)*. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 233-251. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).

HOLANDA, A. B. de. *Novo dicionário do Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

LACAN, J. *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

LISPECTOR, C. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999b.

LISPECTOR, C. *Um sopro de vida*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999a.

MARCOS, C. *Resíduos do Nada: a arte contemporânea e a subjetivação feminina*. Texto apresentado na VII Jornada de Cartéis da EPB, 2005.

SILVA, S. M. *Ler o livro do mundo*. São Paulo: Iluminuras, 1999, p. 10.

RECEBIDO EM: 14/10/2013

ACEITO EM: 23/10/2013

SOBRE A AUTORA

Yáskara Sotero Natividade Veado

Psicanalista. Membro da Escola Freudiana de Belo Horizonte (IEPSI).

Endereço para correspondência

Rua João Roque da Costa, 153 – Nasia
33200-000 – VESPASIANO/MG
E-mail: yaskara.sotero@hotmail.com

